PRÓLOGO

Sawyer

Para de olhar para mim, cabra.

A minha perna balança freneticamente e forço-me a parar pela milionésima vez. Vê-se que estou nervosa, mas não posso deixar de estar com a sobrinha do marido da prima da minha mãe a olhar para mim. Ela parece que viu um fantasma, e é o que eu quase tenho sido nos últimos seis anos. Mas se o fosse, não precisaria de apanhar este maldito voo.

Estamos as duas sentadas, frente a frente, à espera de embarcar num avião para a Indonésia. Mas, afinal, por que razão é que ela vai para lá? É quase Natal, caramba!

Suponho que possa ser uma viagem de trabalho, visto que ela enverga uma saia, um *blazer* a condizer e saltos *Louboutin*. Quem viaja com saltos *Louboutin*?

Não interessa. O que importa é que ela reparou em mim, e isso não é nada bom neste momento.

O suor escorre-me pelas costas e quase de certeza que já tenho manchas nas axilas.

Tento ser discreta, mas ela também. Demonstrando indiferença, mas *nada* indiferente, tira devagar o telemóvel do bolso. Normalmente, não é um sinal de alarme, mas ela também tem manchas nas axilas e olha para mim a cada dois segundos.

Com cuidado, leva o telemóvel ao ouvido, tentando escondê-lo debaixo do cabelo liso. Os fios são tão finos, quase translúcidos, que não o cobre tão bem como pensa.

Cabra.

Não faço ideia de como escapar com ela a olhar, mas não tenho alternativa. Ou vou-me embora, ou eles encontram-me.

Que se lixe a discrição, a minha vida corre perigo. Pego na mala de mão, levanto-me e tento afastar-me calmamente.

— Ei! — chama ela, mas que se lixe isso e que se lixe ela. Esgueiro-me por entre a multidão, quase a chorar. Há muito tempo que adiava a saída do país, convencida de que seria apanhada, e é o que pode acontecer.

Com o coração aos saltos, dirijo-me à loja de recordações, onde compro um *hoodie*, umas calças de treino e um boné. Depois, procuro a casa de banho para mudar de roupa, sempre a olhar por cima do ombro.

Até a casa de banho está cheia de gente, pelo que mantenho a cabeça baixa e entro numa cabina. Com as mãos a tremer, prendo o cabelo num carrapito baixo, enfio o boné e visto o casaco, puxando o capuz para a cabeça a fim de cobrir o resto do cabelo. Finalmente, visto as calças de treino por cima dos calções, já a suar devido às várias camadas de roupa e à adrenalina.

Depois, lavo as mãos e corro, quase sem fôlego, para o balcão de venda dos bilhetes. Estou praticamente à beira de um ataque de nervos quando abordo a funcionária. Ela olha para mim, assustada.

— Posso ajud...?

— Preciso de um bilhete para o próximo voo — interrompo, quase a tropeçar nas palavras.

Ela pestaneja e, depois, concentra-se no ecrã do computador, clicando com o rato e premindo algumas teclas.

— Um voo para a Indonés...

— Não quero esse — interrompo de novo. — Um diferente.

Ela lança-me um olhar de reprovação. Estou a irritá-la, mas tenho a certeza de que um copo de vinho tinto lhe vai acalmar os ânimos, ao passo que eu vou sem dúvida encontrar-me com o meu criador se for apanhada.

— Um voo para a Austrália parte daqui a quarenta minutos.

— Vendido — digo, pondo um maço de dinheiro e o meu passaporte no balcão.

Com um ar pouco impressionado, ela processa o bilhete e conta o dinheiro. Embora muito lentamente.

— Faltam-lhe 8,09 dólares — diz ela.

Não costumo ser uma pessoa agressiva com o serviço ao cliente. Eles já lidam com muita chatice. Dito isto, se me apanham por causa de 8,09 dólares, aponto diretamente para ela e grito que *fôï ela*, antes de fugir.

Resmungando baixinho, tiro uma nota de dez dólares do bolso e atiro-a para o balcão.

Com um olhar maldoso, ela apanha a nota e continua.

Volto a olhar por cima do ombro, mas, felizmente, o aeroporto está cheio e não vejo ninguém zangado com uma farda e uma arma a aproximar-se de mim.

— Tem bagagem?

— Só a mala de mão — respondo.

Passados mais alguns minutos, ela entrega-me o bilhete, juntamente com o troco e o meu passaporte.

— Porta 102. Terminal B.

Recebo os documentos, agradeço e saio em direção ao autocarro, com a mala a bater nas pernas.

O meu coração quase me sai pela boca quando consigo passar pelo controlo de segurança, sair do transporte que me leva ao terminal e, finalmente, chegar à porta de embarque. Demorou uma eternidade e, entretanto, já tinham chamado o meu nome pelo altifalante. Estou a entrar em pânico, a pensar que não vou conseguir, e estão prestes a fechar a porta quando chego.

— Esperem! — grito.

O funcionário vê-me e juro por Deus que até merece um broche pela amabilidade de se afastar e me deixar passar. Mesmo quando corro pelo corredor para chegar ao avião, ainda olho por cima do ombro.

O meu coração recusa-se a voltar à sua zona habitual até o avião levantar voo.

Mesmo assim, estou à espera de que o controlo de tráfego aéreo pare o avião e lhes diga que há um fugitivo a bordo.

CAPÍTULO 1

Sawyer

O cancro sabe a merda.

Dou um longo trago, o gosto a mentol desliza pela minha língua e enche-me os pulmões com produtos químicos industrializados. Quantos tenho de fumar antes de o cancro invadir as minhas células, espalhando-se até estar dominada pela doença?

A minha garganta seca e revolta-se contra o tabaco, obrigando-me a tossir intensamente. Afasto o cigarro e olho para ele, o meu rosto distorcido enquanto o fumo me sai pelo nariz e pela boca. Agito a mão, observando-o de diferentes ângulos.

Um brilho laranja irradia da ponta, as cinzas a engolirem o papel.

O fogo na ponta arde como se quisesse seduzir-me a fim de voltar de novo aos meus lábios.

Não.

Continua a não ser apelativo.

Um homem estende uma mão bronzeada, agarrando o cigarro antes de o conseguir enfiar na areia.

— Dá-me isso em vez de o desperdiçares.

Franzo o sobrolho. Quão inflamável é a areia? Aposto que não é. É demasiado densa, não há nada que alimente o oxigénio. A não ser que eu deite gasolina por cima. Mas aposto que a praia ficaria mais bonita.

Fogo à beira de um oceano vasto e azul? Quem não gostaria de ver isso?

A brisa salgada do mar sopra suavemente, forçando as madeixas loiras e encaracoladas à volta do meu rosto a uma dança sensual. Puxo-as para trás da orelha, pois estou demasiado cansada para as prender no nó frouxo que tenho na cabeça.

Olho para o homem sentado ao meu lado. O seu cabelo cor de areia, demasiado comprido, enrola-se na nuca, e a tatuagem de punhal atrás da orelha é cativante na sua pele beijada pelo sol. Ele está coberto de tatuagens.

Ainda não sei o seu nome, mas a sua pila é bonita, e é tudo o que importa. Bem, isso e a nicotina assassina. Ele não é o género de pessoa de quem normalmente gosto, mas estava sozinha e entretive-me com o primeiro sujeito que não me deu náuseas.

— Que tipo de cancro achas que vais apanhar com isso? — pergunto, acenando com a cabeça em direção ao cigarro que ele tem na mão.

Ele franze uma sobrancelha grossa, enquanto os seus lindos olhos azuis brilham na claridade da manhã.

— Não sei. O cancro do pulmão é demasiado típico. Na garganta?

— Achas que vais morrer?

Ele solta uma gargalhada curta e responde:

— Espero bem que sim.

Aceno com a cabeça e estendo a mão para que ele o devolva. Ele olha para mim como se eu fosse estranha, demora um instante e depois faz o que lhe peço.

Outra inalação e, lembrando-me de que estou a tentar matar os meus pulmões, o sabor é um pouco melhor.

Sim, isso sabe *muito* melhor.

Ondas altas quebram na praia, enrolando-se e alcançando os meus dedos dos pés pintados de azul-bebé como garras estendidas, antes de recuarem novamente e arrastarem areia com elas.

O oceano é lindo. Mas também é implacável. Em segundos, pode virar-se contra nós. Arrastar-nos e engolir-nos na sua boca cavernosa até nos afogarmos ou acabarmos entre os dentes de algo muito mais assustador.

Inspiro de novo profundamente, fechando os olhos enquanto sinto o fumo a encher-me os pulmões.

Os cigarros também não perdoam, pela forma como nos corroem por dentro. Matam-nos lentamente e de uma só vez. Decidi que gosto do oceano e gosto de cigarros. Porque eu... também sou implacável.

— São 68,10 dólares — diz o caixa com um sorriso no rosto.

— Por um teste de gravidez e um maço de cigarros? — pergunto, incrédula.

O homem ri-se.

— Receio bem que sim.

— Isso é um roubo — murmuro, mas não tenho a certeza se ele me ouviu, porque continua a sorrir.

Adorava poder sugar um pouco dessa felicidade, mas, passadas três semanas em Port Valen, na Austrália, não me sinto mais segura do que nos Estados Unidos da América.

Ao aterrar, fui ver as notícias na Internet e as autoridades foram informadas de que tinha sido avistada no aeroporto e que se presumia que fugira de avião. A funcionária da bilheteira pode ou não ser capaz de me identificar e confirmar o meu voo para a Austrália, mesmo usando um nome diferente. No mínimo, poderia dizer que eu agia de forma suspeita e dar-lhes uma razão para me procurarem.

Não me sinto segura aqui, pois podem entregar-me às autoridades americanas se for apanhada, mas é demasiado arriscado voar para um país que não me extraditasse. Por isso, resignei-me ao facto de que ainda vou ficar por cá durante algum tempo e que está na altura de voltar a assumir a vida de outra pessoa.

Há sítios piores para se estar, suponho.

Port Valen é uma bela cidade à beira-mar, na costa leste, ladeada por um oceano azul-marinho brilhante e repleta de turistas que procuram mergulhar com tubarões ou explorar os recifes de coral. Fora da praia, é rica em cascatas enormes e piscinas naturais rodeadas de vida selvagem e quilómetros de florestas verdejantes, que atraem caminhantes de todo o mundo. E também é muito dispendiosa.

Vasculho o porta-moedas, cujos cordões estão esfiapados nas pontas e presos no fecho. Conto as notas e as moedas, repreendendo-me por ter chegado a esta situação. Dinheiro precioso deitado cano abaixo, porque mal consigo suportar a solidão, mais o custo extra, uma vez que agora sinto a necessidade de me divertir só para aliviar a tensão.

O problema é que essa tensão é afiada e acidentada, e não há droga no mundo que a impeça de me atingir.

— Aqui está — digo-lhe, forçando um sorriso no rosto dormente. É como quando a minha mãe me levava ao dentista e eu saía de lá com lidocaína injetada na boca e sem controlar os músculos faciais. Costumava rir-me da sensação estranha, mas agora não me apetece muito rir.

Ele dá-me o troco e as minhas compras, com outro sorriso. A sua felicidade já me está a irritar.

— Tenha um bom dia — diz ele.

— Obrigada — murmuro.

Agarro no saco e corro para a rua, com os chinelos cor de laranja a baterem no azulejo branco e sujo.

O maldito teste de gravidez esgotou o pouco dinheiro que me restava. No entanto, prefiro saber se um pequeno extraterrestre está a invadir o meu corpo do que viver com medo, verificando obsessivamente a barriga em qualquer superfície refletora que encontre, só para ver se cresceu um centímetro.

Já vivo com medo suficiente, não preciso de mais.

Eles não te conseguem encontrar, Sawyer. Estás segura.

Abano a cabeça, insistindo em permanecer no lugar frio e solitário onde o terror reside. *Estarei a salvo?*

Se as minhas entranhas estão a ser invadidas por um extraterrestre, a minha vida será mais difícil. Não posso tomar conta de uma criança e sustentar-me. Já mal o consigo fazer e os meus meios são... Meu Deus, são horríveis.

Os meus pensamentos entram em espiral, imaginando-me com um bebé loiro nos braços, a gritar a plenos pulmões porque tem fome e assaduras ou algo do género. Teria de o entregar para adoção, sem dúvida. Mas isso partir-me-ia o coração. Ou o que resta dele.

A minha respiração acelera e esforço-me por a controlar, lutando para encher os pulmões cada vez mais apertados. A luz do Sol aquece-me as faces enquanto saio pelas portas automáticas, corro para fora do parque de estacionamento e para o passeio, com o risco de arruinar os chinelos de enfiar no dedo devido à velocidade.

Inspiro profundamente, aspirando, desesperada, o oxigénio, mas este entope-me a garganta.

O meu período está atrasado uma semana, apesar de ter andado bastante stressada. Mesmo muito stressada. Nunca rezei tanto, curvada sobre a sanita com os polegares enfiados nos calções, a suplicar aos deuses que me deem uma razão para usar o tampão que tenho na mão. Acho que o Céu me tem na sua lista de desgraçados.

O que é uma grande chatice, embora não possa culpar os anjos por me repreenderem em nome do Senhor.

O sabor do oceano salgado permanece no ar, revestindo a minha língua, enquanto continuo a respirar fundo e sinto o peito apertado afrouxar um pouco. Há sempre algo no cheiro do mar que acalma os meus pulmões torturados, seja porque os estou a maltratar com um ataque de pânico ou com o fumo do cigarro.

É algo de que vou sentir saudades quando for para o próximo destino.

Por agora, aprecio a beleza de Port Valen. A vegetação rodeia as ruas, juntamente com os brilhantes tons de rosa, laranja e roxo das flores. As enormes falésias encontram-se atrás de mim e, apesar de estarem a quilómetros de distância, noto a sua imponência.

Um grupo de mulheres passa com biquínis de fio dental e *tops*, e não consigo deixar de me apaixonar pela atmosfera descontraída desta cidade.

Mais perigoso ainda, estou a apaixonar-me por Port Valen como um todo, apesar das aranhas devoradoras de homens que habitam este país.

Acelero o passo em direção à paragem do autocarro e sento-me no banco com uma expiração trémula, com o saco de plástico pendurado entre as pernas abertas. Há uma gralha a voar por cima de mim, o que me deixa ainda mais nervosa. Aprendi da pior maneira que os pássaros demoníacos gostam de se aproximar e atacar sem serem provocados. Ainda estou traumatizada com o último e rezo para que o autocarro chegue mais cedo do que o previsto.

Podia ter conduzido a *Suzy Semil*, a carrinha que comprei na semana passada. É uma *Volkswagen* amarela e velha, das que se viam nos anos 1970, quando os *hippies* andavam por aí. Viver numa carrinha é melhor do que num hotel, e tive muita sorte em encontrar uma muito mais barata

do que o seu valor real. O vendedor disse que era da filha, que morrerá, e que desejava desfazer-se dela..

De qualquer forma, não possuo carta de condução aqui e não tenho confiança suficiente para guiar em contramão. Estou convencida de que vou morrer num acidente de carro ou de que serei apanhada a conduzir sem carta.

Na altura certa, a gralha grasna como que para me avisar que arriscar com a *Suzy Senil* pode ser mais seguro, mas, felizmente, ela voa para outro lado.

Com as mãos a tremer devido à ansiedade residual, vasculho a mala e tiro o maço de cigarros. Não devia fumá-los na minha possível situação, mas a ideia da morte é muito sedutora e estou demasiado assustada para fazer outra coisa.

Tenho vergonha de mim própria, mas não sei o que é sentir outra coisa.

Não faças disso um hábito, Sawyer. Já tens muitos.

Assim que tiro um e o meto na boca, apercebo-me de duas coisas. Esqueci-me de comprar um isqueiro e está alguém sentado ao meu lado, o peso do seu olhar a endurecer a minha cara como barro seco.

Viro-me e vejo um idoso, de pele castanho-escuro, a segurar um isqueiro laranja-brilhante, tão brilhante como os meus chinelos, com o polegar sobre o percutor, pronto a acendê-lo para mim. Veste uma camisa branca velha e tem um boné de cor cáqui. O suor brilha no lado do rosto, mas cheira a *Old Spice* e a sal.

Sorrindo, inclino-me e ele acende-o. Estou tão hipnotizada pelo fogo como ao vê-lo a devorar o papel frágil. O fumo sai para o ar salgado, fazendo-me arder os olhos à medida que se aproxima do meu rosto.

— Obrigada — digo, afastando o fumo. — Quer um?

— Claro — responde.

Entrego-lhe um cigarro e observo-o atentamente enquanto ele acende o seu, com um brilho laranja a cintilar enquanto inala o fumo.

— Tento deixar de fumar, mas parece que nunca consigo largá-lo de vez — diz ele em tom de conversa.

É um problema terrível e que não me devia infligir, mas depois uma onda de euforia apodera-se de mim, e acho que não é assim tão mau.

Não vai durar mais do que um minuto, desde que torne a tensão suportável, e é do que preciso neste momento. E de boa companhia.

— Quando fomos capazes de esquecer as coisas que mais nos magoam? — murmuro.

— Bem, apanhaste-me aí.

Sorrio.

— Como te chamas? — pergunto, tentando soprar um «o» esfumado, mas falhando miseravelmente.

Ele ri-se, com um som rouco.

— Não me lembro da última vez que uma jovem bonita me perguntou o nome. Chamo-me Simon.

Normalmente, um homem velho e desconhecido a chamar-me bonita faria com que me levantasse e me afastasse sem olhar para trás, mas a forma como ele o diz não me incomoda. Na verdade, faz-me sentir um pouco como uma casa deve ser. Quente e acolhedora. Segura.

Essa sensação de conforto leva-me a fazer algo que raramente faço. Algo que *nunca* fiz. Dou-lhe o meu verdadeiro nome.

— Sawyer. Obrigada por me fazeres companhia, Simon.

Segue-se um breve silêncio, e depois:

— Queres ver a minha nova tatuagem?

A surpresa faz-me parar por um breve segundo, com o cigarro suspenso a meio caminho da boca, antes de proferir um rápido:

— Adorava. — E prendo o filtro no canto dos lábios.

Ele arregança as calças e mostra-me a nova tatuagem. Linhas pretas e irregulares formam as palavras *Fuck You* no meio da coxa, ainda inchada e inflamada. Desta vez, fui mesmo apanhada de surpresa.

Uma gargalhada de espanto irrompe da minha garganta e quase deixo cair o cigarro, mas não me importaria se tivesse acontecido.

— Oh, meu Deus, adoro isso. Provavelmente mais do que o meu dedo do pé preferido. Doeu? — pergunto, inclinando-me para inspecionar a tatuagem. É óbvio que não foi feita por um profissional. É um trabalho horrível, mas é o que mais gosto nele.

— Não — responde, acenando com a mão. — É terapêutico. Mas não compreendo o que queres dizer com o dedo do pé preferido.

Levanto o pé esquerdo e aponto para ele.

— O meu mindinho é muito giro, não achas?

Ele inclina-se e examina-o de perto.

— Tens razão. Eu também gosto desse dedo.

Sorrindo, deixo cair o pé e fico a olhar para as palavras distorcidas. Estou apaixonada por elas. Dava-me jeito um pouco de terapia sob a forma de uma decisão imprudente, e ligeiramente maníaca.

Inspiro mais um pouco de fumo e expelo-o, tentando lutar contra o impulso que surge dentro de mim.

— Onde arranjaste isso?

Ele encolhe os ombros.

— Fui eu que a fiz. Já ouviste falar de *tebori*?

Abano a cabeça, e ele retira do bolso um frasco de tinta preta e uma mão-cheia de agulhas seladas.

Arqueio as sobrancelhas, perguntando-me por que razão andaria ele com aquilo, mas fico contente por, pelo menos, usar agulhas novas.

— É um método tradicional japonês. As pessoas chamam-lhes tatuagens de furar e picar — explica.

— Como funciona isso?

Ele descreve-me o processo, que parece bastante simples. É tão simples que fico a pensar em fazer uma. Não tenho tatuagens, nem me dou ao luxo de ir a uma loja e pagar por uma.

Assim que abro a boca para perguntar onde arranjou os materiais, ele interrompe-me.

— Queres que te faça uma?

Inclino a cabeça com um sorriso a alastrar-se pelas faces.

— Sim — digo, acenando com a cabeça, decidindo que a ideia de um estranho me fazer uma tatuagem numa paragem de autocarro é demasiado boa para não a aproveitar. É o tipo perfeito de espontaneidade de que preciso. — O que queres por ela?

Ele acena com a cabeça em direção ao meu saco de plástico.

— Esse maço de cigarros é suficiente.

O olhar que me lança dá-me a nítida sensação de que está mais interessado em impedir-me de fumar do que em fumar ele próprio. Pergunto-me se ele reparou no que mais estava no saco. Sorrio e respondo:

— Concordo. Quero uma igual à tua. No mesmo sítio, também. Podemos combinar.

Gosto da ideia de ter uma tatuagem a condizer com a do Simon. Como se tivesse encontrado um amigo no meu pequeno mundo solitário, e terei alguém para recordar quando eventualmente partir.

Mais importante ainda, gosto da mensagem que transmite. Porque, na verdade, essas palavras exatas passam-me pela cabeça todos os dias. Que frase melhor para tatuar do que o meu mantra diário?

Ele sorri, mostrando os dentes ligeiramente tortos, e faz-me sinal para que vire a perna na sua direção. Os calções são a minha roupa de todos os dias aqui, por isso ele vai facilmente poder fazer uma tatuagem no mesmo sítio que a dele.

O autocarro aproxima-se e vamos perder a viagem, mas vai aparecer outro dentro de trinta minutos, o que é tempo suficiente para fazer a minha primeira tatuagem.

Ele destapa o frasco, deita um pouco de líquido preto na tampa e, depois, abre a embalagem com uma agulha nova.

— Tinta de polvo — diz-me. — A melhor que se pode arranjar.

Aceno com a cabeça, embora não me importe particularmente. De qualquer forma, isto é pouco higiénico. Se o meu corpo o rejeitar, vai ficar uma cicatriz muito gira. Embora sempre tenha gostado muito de polvos, acho que vai ser bom ter uma parte deles injetada em mim.

Eles conseguem desaparecer e camuflar-se com tanta facilidade que é tudo o que sempre quis na vida. Talvez com esta nova tatuagem eu possa fingir que a sua tinta corroeu tudo o que me torna humana e permitir-me-á também desaparecer.

Franzo o sobrolho, ciente de que nunca será como nos filmes em que um rapaz solitário adquire um superpoder incrível. Acho que também estou um pouco ressentida com os polvos.

O meu novo amigo inclina-se para a minha coxa, os seus olhos castanhos nunca se desviam da tarefa, enquanto a sua mão surpreendentemente firme espeta meticulosamente tinta na minha pele. As picadas afiadas libertam todo o tipo de endorfinas no meu sistema, e decido neste exato momento que sou viciada em tatuagens.

É melhor do que fumar cigarros, mas como agora são dele, permite-me fumar mais um durante o processo. Diz que é para aliviar a tensão.

Algumas pessoas juntam-se a nós, e dá-me vontade de rir que nenhuma delas pareça minimamente surpreendida por ver uma rapariga a fazer uma tatuagem *tebori* enquanto espera pelo autocarro, como se isso fosse uma ocorrência comum em Port Valen. Até um rapaz se aproxima e pede ao Simon que lhe faça uma, mas ele diz-lhe que terá de ficar para outro dia.

A experiência é estranha, mas trouxe-me felicidade, e esse sentimento é melhor do que sexo. Sinto tão pouca alegria e, tantas vezes, homens estranhos apoderam-se de mim e invadem o meu corpo.

O mais importante é que me fez esquecer.

Vinte e cinco minutos depois, o Simon endireita-se, com o rosto contorcido pela dor e as costas a estalar por ter estado tanto tempo numa posição desconfortável. Sinto-me mal pela dor que lhe causei, e ele deve ter reparado na minha expressão, porque me lança um olhar severo, parecido com o de um pai quando repreende um filho.

— Não te sintas mal por mim, minha menina. É uma bênção envelhecer, e todas as bênçãos têm um lado agridoce.

Ainda me sinto mal, mas aceno com a cabeça e inclino-me para examinar a minha tatuagem. Tenho a coxa vermelha e irritada, o que realça os traços fortes.

Fuck You, em letras negras, embora a minha pareça um pouco mais bonita do que a dele. De qualquer modo, continuam a ser irregulares e vacilantes, e sinto-me aliviada com isso. É por esse motivo que gosto tanto dela.

— Está perfeito.

— Imperfeito — corrige ele, olhando para o seu trabalho.

— Perfeitamente imperfeito — comprometo-me, com um grande sorriso. Doe-me as nádegas por estarem a ser esticadas, mas tal como todas as vezes que a agulha me espetou a pele, a dor sabe bem.

— Todas as melhores coisas o são.

Ele acende outro cigarro e inclina-se para trás, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. O Simon parece ter vivido a vida

muito bem, e eu quero saber o que o levou a esta paragem de autocarro e a fazer uma tatuagem a uma rapariga estranha numa tarde de terça-feira.

— Tens razão — admite ele. — Também és muito estranha.

Sorrio ainda mais quando ele repete o que eu pensava.

— Tu também, Simon. Tu também. — O olhar que partilhámos diz muito: estamos ambos satisfeitos por sermos estranhos.

Nesse momento, o autocarro para, com o motor a roncar alto. Quando as portas apitam e se abrem, levanto-me e ofereço-lhe o meu cotovelo, como se o acompanhasse a um baile.

Ele acena-me com a mão, empurrando-me para a frente.

— Prefiro andar. Os meus ossos velhos precisam de movimento; caso contrário, ficam presos para sempre.

Franzo o sobrolho.

— Então porque estavas sentado na paragem do autocarro?

Ele encolhe os ombros.

— Ia a passar e pareceu-me que precisavas de um amigo.

Baixando o cotovelo, sou invadida por um sentimento estranho e penetrante que me apunhala o peito. Desilusão.

Gostaria de ter falado mais com o Simon. Queria fazer-lhe perguntas e saber mais sobre o homem por trás das roupas gastas e da tinta de pólvora.

Ele também é observador, notando de novo a expressão no meu rosto. Ou talvez eu esteja a deixar transparecer demasiado os sentimentos.

— Voltaremos a cruzar-nos, Sawyer. A vida tem uma forma engraçada de pôr pessoas no nosso caminho quando estamos destinados a colidir. Cabe-te decidir se queres tornar isso permanente.

— Permanente — murmuro, saboreando a palavra estranha na minha língua. — Já és permanente, Simon, tal como esta tatuagem. — Ele sorri-me, com um brilho conhecedor nos olhos.

— Então, até breve, não é?

Já um pouco melhor, pego no saco de plástico, e o farfalhar do seu conteúdo faz-me lembrar o que está lá dentro. O pequeno sorriso desaparece do meu rosto. O Simon já não me vai distrair da minha situação iminente e, de repente, sinto mesmo algum medo desta viagem sozinha.

— Espero bem que sim. Prazer em conhecer-te, Simon.

Depois, viro-me, com a coxa a arder, enquanto entro no autocarro. Coloco as moedas na ranhura e encontro um lugar ao fundo. O couro sintético é quente e pegajoso contra a parte de trás das minhas coxas, mas não me importo.

Estou de frente para a janela e ainda vislumbro o Simon a acenar-me antes de o autocarro arrancar.

Pelo menos, não tive de ir a uma loja e usar um cartão de crédito ou levantar mais dinheiro. Só estou a dar-me mais uns dias até sair para beber um copo.

Depois, vou recomeçar como outra pessoa.

Não a Sawyer Bennett, mas alguém que deseja nunca a ter conhecido.